

“O PROBLEMA DO CANGAÇO”: EXPLICAÇÕES E SOLUÇÕES NA IMPRENSA CEARENSE (1920 -1930)

“THE PROBLEM OF CANGAÇO”: EXPLANATIONS AND SOLUTIONS IN THE CEARENSE PRESS (1920 -1930)

Francisco Wilton Moreira dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho buscou analisar o discurso sobre o cangaço nos jornais do Ceará dos anos 1920 e 1930, atentando para as várias páginas dedicadas a apontar caminhos que pudessem livrar a sociedade dos cangaceiros. Mapeamos e organizamos as notícias e selecionamos aquelas que buscam tecer explicações sobre o fenômeno, bem como sugerir formas de exterminá-lo. Algumas delas seguem ideais deterministas nas quais o cangaço está ligado ao meio ambiente e à raça, ou ao desvio da moral cristã católica. Outras o explicam pela má distribuição de terras e de renda, além da falta de investimento na educação.

Palavras-chaves: Cangaço. Imprensa Cearense. Explicações e soluções.

Abstract: The present work aimed to analyze the discourse about cangaço in the newspapers of Ceará in the 1920s and 1930s paying attention to several pages dedicated to pointing ways that could free society from cangaceiros. We mapped and organized the news and we selected those that seek to explain the phenomenon as well as suggest ways to exterminate it. Some of them follow deterministic ideals in which the cangaço is linked to the environment and race or deviation of the moral Christian Catholic. Others, explain it by the poor distribution of land, income in addition to the lack of education investment.

Keywords: Cangaço. Cearense press. Explanations and solutions.

Introdução

Fazendo estas considerações, em torno de assumpto ventilado no momento, queiramos evidenciar á luz dos factos que, evoluiivamente, o cangaceiro e o jagunço não guardam o mesmo nível. O primeiro é mais consciante de sua entidade e do logar que ocupa socialmente; e o

¹ Mestre Interdisciplinar em História Letras pelo MIHL da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/UECE. Foi bolsista FUNCAP. É Graduado em História (Licenciatura Plena) pela mesma instituição.

segundo reflecte um estado consciencial, natural biológico.²

O advento da imprensa está intimamente ligado à ideia de modernidade, sendo uma das maiores representantes dessa imagem no século XIX, principalmente pela difusão através da palavra impressa do imaginário e do desejo de civilização. No Ceará, a imprensa aparece nos primeiros anos do século XIX e aos poucos as tipografias vão se espalhando pela província. Na capital, por exemplo, algumas delas sucumbiram diante de problemas financeiros, enquanto outras sobreviveram e exerceram atividades de impressão de jornais para grupos distintos³.

Convém lembrar que os jornais, em sua maioria, não são produtos isolados, “mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”⁴. Assim, o jornal é um espaço privilegiado para o debate. Nas suas folhas encontramos os discursos de dois grupos, especialmente voltados para o direcionamento da nação, seus problemas e as melhores soluções para saná-los, onde o saber médico e o saber jurídico⁵ davam a tônica. São discursos marcados por determinada ideia de cultura, calcada sob um viés evolucionista no qual civilização e progresso eram entendidos não apenas como conceitos, mas como valores universais⁶.

Dentre os temas eleitos para discussão, o cangaço foi um dos que ganhou destaque nos jornais do Ceará. Cientes desse espaço e das discussões que os jornais podem levantar, nos dedicamos à leitura de folhas cearenses dos anos 1920 a 1930. Debruçando-nos sobre esses jornais percebemos que durante a década de 1920 há uma enorme quantidade de notícias sobre o cangaço, que vão desde pequenos telegramas em um canto inferior da última página ao destaque da primeira folha; de notícias curtas e com hiatos entres elas, a grandes artigos e reportagens que se dedicavam a discutir o fenômeno.

² (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02. Grifo nosso)

³ BARBOSA, M. E. J.; LIMA, J. L. F. História, imprensa e redes de comunicação. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia (39): 37-57, jul. dez. 2008.

⁴ LUCA, T. R. de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 140,

⁵ A união dos dois discursos apontou para a o nascimento e fortalecimento da Medicina Legal e a constituição da Antropologia Cultural, buscando explicar as desigualdades por uma ótica evolucionista, isto é, o desenvolvimento cultural deveria passar, em todas as sociedades, por estágios sucessivos (SCHWARCZ, 1993).

⁶ SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Mapeamos e organizamos as diversas matérias sobre o tema dedicadas a apresentarem explicações e apontarem soluções para “o problema do cangaço”. O banditismo “manchava” a imagem do Brasil como um país moderno, principalmente a partir “Revolução de 1930” e o Estado Novo em 1937, quando se queria manter a imagem do país como cartão postal. Os estados não conseguiam eliminar a “leva de facínoras” que grassava pelos sertões. Diante dessa ineficácia, cabia aos intelectuais e homens de imprensa⁷ formularem explicações que ajudassem a entender a multiplicação do número de cangaceiros pelo Nordeste e, também, apontar soluções para exterminá-los.

As explicações apareceram nos jornais que estavam ligadas, em sua maioria, aos discursos médicos, isto é, o saber da medicina é que valida as informações ali presentes quando se pretende explicar os motivos da perpetuação do cangaceirismo no Nordeste. Esse saber “era fundamental, não só na sua função de curar, mas na medida em que conhecendo o organismo humano conheceria também o organismo social, a chamada ‘metáfora do corpo orgânico’”⁸. Assim, ele era uma mistura de “pesquisador e cientista”, que para além da saúde, dedicava-se ao controle social de determinados grupos, voltando a sua atenção principalmente, para aqueles sediados à margem da sociedade.

Outro grupo que tinha o *poder de fala* quando se buscava explicar as motivações para a entrada no cangaço e as possíveis saídas para sua extinção, é o composto pelos juristas. A eles também cabia a tarefa de disciplinar a sociedade. O bacharel em Direito foi eleito como “(...) o grande intelectual da sociedade local”⁹, por conta da sua ecleticidade e pragmatismo. Assim, esse intelectual que busca entender a nação, fala de um lugar social marcado pelo pensamento eclético, pela vida acadêmica agitada, pelos círculos e associações acadêmicas. Os debates, todavia, se deram de forma mais marcante nas páginas dos jornais “seu mais eficaz instrumento de luta” e revistas das duas faculdades, a saber, de medicina e direito¹⁰.

⁷ Conferir em BARBOSA, M. *História cultural da imprensa – Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁸ REIS, C. A. dos. *A Caminho do progresso: raça e identidade nacional no Brasil*. Disponível em: <http://legacy.unifacel.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Carlos%20Antonio.pdf>. Acesso: 10 jan. 2020, p. 03

⁹ SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 186

¹⁰ *Ibidem*; ADORNO, S. *Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Esse modo de pensar é marcado pela presença de um saber em que se insere o projeto de nação que se desenhava desde o século XIX, haja vista que ele vai conduzir o pensamento de boa parte dos intelectuais e homens da imprensa também ao longo das primeiras décadas do século XX. Assim, buscava-se criar as condições que seriam indispensáveis para a nação desejada. Esse projeto de nacionalidade se deu inserido dentro dos modelos de civilização *uerobranca*, maior referência de progresso que se tinha no período.

Frente a esse desafio coube aos homens letrados do Brasil, tanto na historiografia, na literatura, como na imprensa – apesar das diferentes orientações: ideais positivistas, o biologismo de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o determinismo de Taine, os estudos sobre o meio e o clima de T. Buckle e a criminologia de Lombroso, para citar algumas – a constituição de um imaginário capaz de conferir identidade ao nacional, busca essa situada por diversos autores sobremaneira a partir dos anos de 1870 até as três primeiras décadas do século XX¹¹.

Todas essas ideias ainda estavam planando na mente de alguns grupos e foram o mote para explicações sobre o cangaço. Desse modo, as explicações e propostas de eliminação do “foco” de cangaceiros no sertão estavam, em grande medida, atreladas aos ideais de civilização e progresso tão marcantes no imaginário e no discurso de uma imprensa formada por uma minoria letrada e cidadina. Essas formulações seguem principalmente duas linhas de raciocínio e interpretação, na qual a primeira considera o cangaço como fenômeno anticivilizante, portanto, modernizar o sertão é a saída para sua eliminação; a segunda segue alguns ideais deterministas e assevera que o cangaço está intimamente ligado ao meio ambiente e à raça.

Destoando das duas ideias acima, as publicações encontradas no jornal *O Nordeste*, afirmam que a moral cristã católica era o caminho que devia ser trilhado para conseguir êxito na missão de pôr um fim ao banditismo. Mesmo seguindo essa ideia, não se abandona o discurso de civilidade e progresso. Já as publicações d’*A Esquerda* apresentam formulações que apontam para um problema social em curso que seria resolvido pela melhor distribuição de terras e renda, além da necessidade de investimento na educação.

¹¹ REIS, C. A. dos. *A Caminho do progresso: raça e identidade nacional no Brasil*. Disponível em: <<http://legacy.unifacef.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Carlos%20Antonio.pdf>>. Acesso: 10 jan. 2020, p. 01-02.

O meio e a raça: ideias deterministas como explicação para o cangaço

No jornal *A Imprensa*¹² o texto relativo a uma entrevista concedida pelo doutor Luiz Vianna, médico especialista em “doenças de crianças” – cujo trecho nos serve de epígrafe –, nos ajuda a pensar essa tensão no momento em que se escreve no jornal que “O cangaceiro e o jagunço não guardam o mesmo nível”¹³, intelectual e social. Isto é, ao afirmar que o jagunço “é mais consciente de sua entidade e do lugar que ocupa socialmente”¹⁴, pode apontar diretamente para o perigo que o cangaço independente representa para os proprietários de terra e outros grupos mais abastados da região. Ora, enquanto o jaguncismo, no seu sentido mais amplo, refere-se ao sujeito que escolheu a vida armada profissional colocando-a a serviço de fazendeiros e outros chefes locais, o cangaceirismo encarna a ausência de patrão e de julgo senhorial. O jagunço, até certo ponto, significa controle; ao passo que o cangaço, ao contrário, encarna a liberdade sem a pressão do mando dos coronéis.

Assim, o cangaceiro e o jagunço guardam níveis diferentes, pois o primeiro “reflete um estado consciencial, natural biológico”¹⁵, sendo, portanto, impossível separá-lo do ambiente na qual atuava. Esse pensamento ganha força no final do século XIX apoiando-se principalmente na escola representada, entre outros nomes, pelo alemão Friedrich Ratzel, conhecida posteriormente como *Determinismo Geográfico*. Essa concepção se ancorava na tese “de que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio”¹⁶. Este, portanto, era um dos motivos lógicos que explicava o cangaceirismo. Apegava-se, em detrimento de outros fatores, fortemente ao espaço geográfico onde esses indivíduos atuavam, criando assim explicações deterministas para o fenômeno. O povo do litoral, mais culto, cultivava uma “cultura mais evoluída”, ao passo que a vida seca, áspera e dura do sertão moldava um sertanejo arredio e afeito ao crime, portanto, natural e biológico, segundo a matéria.

¹² De Sobral, *A Imprensa* era um periódico republicano, mais liberal, dirigido por José Passos Filho. O jornal circulava semanalmente e era ligado ao Partido Democrata. O seu surgimento acontece algum tempo depois da morte de Deolindo Barreto, diretor de outro jornal da cidade, *A Lucta*. Deolindo foi assassinado com vários tiros em maio de 1924, na comarca municipal.

¹³ (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02)

¹⁴ A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02

¹⁵ (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02)

¹⁶ SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1931*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 76.

As explicações ligadas ao meio ambiente e ao espaço geográfico frequentemente são associadas também à mestiçagem. Vários intelectuais e homens de imprensa que se dedicavam a pensar sobre o cangaço acabaram por elencar a mestiçagem como um dos fatores da existência de cangaceiros no sertão. O jurista Crisólito Chaves de Gusmão chegou a afirmar que “o cruzamento entre do português, selvícola e negro já é em si patogênico”¹⁷. Assim, seria este um dos responsáveis por “um misto de taras”, representado nos cabras, jagunços e cangaceiros, “reflexo vivo do desequilíbrio étnico do mestiço”¹⁸.

Cruz filho e Alcides Bezerra também viam na mestiçagem a causa dos problemas da nação e do atraso do povo brasileiro. O primeiro afirmava que “a mestiçagem sertaneja é a base psíquica do flagelo que nos amesquinha e nos avilta”. O segundo dizia que uma das razões primordiais para o banditismo estava “na mistura de raças mui diversas”, afirmando, ainda, que “o delinquente sertanejo é o selvagem aparecido pelas leis fatais da hereditariedade no seio de nossa sociedade”¹⁹.

Nesse mesmo caminho segue o pensamento de Aberlado Pereira em sua obra *Sertanejos e Cangaceiros* (1934), afirmando que a genética, a maldade e ferocidade dos cangaceiros provinham de um “verdadeiro senso hereditário de certa casta de índios, conservando o estigma do fâcies evidente prognatismo”²⁰. Apesar de se tratar de uma obra publicada quase na primeira metade da década de 1930, o apelo ao “tipo físico” e a culpa ao índio ainda é visitada e apresentada como respostas aos problemas da Nação.

Gustavo Barroso também culpou o índio e a miscigenação como fatores imbricados ao banditismo. Para ele, “o índio contribuiu com inclinações para a ferocidade, emboscadas e vinganças”²¹. Em seu livro *Terra de Sol*, Barroso classifica os cangaceiros como *tipos anormais* e diz que eles, em sua maioria, são “infames”, “degenerados completos”, “nevropatas ignóbeis”, “perversos”, “covardes” e, por fim,

crivados de todas a taras, atupidos de todas as psicopatias, raramente brancos, sempre mestiços de ínfimo cruzamento, braquicefálicos, prognatas, assimétricos, malformados faces horrendas simiescas, com contrações de orango e um abrir de mandíbulas, desmensurado, bestial, os olhos baixos

¹⁷ MONTENEGRO, A. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973, p. 188

¹⁸ *Ibidem*, p. 188.

¹⁹ *Ibidem*, p. 188.

²⁰ PEREIRA, A. *Sertanejos e cangaceiros*. São Paulo. Editorial Paulista, 1934, *apud* PERICÁS, L. B. *Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2010., p. 113.

²¹ BARROSO, G. *Heróis e Bandidos*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1917, p. 56.

num alquebramento de tigre farto ou fuzilando torvos, sob as pálpebras grossas, de revés (...). As perturbações nervosas tumultuam e tempesteiam nesses cérebros, incentivando o crime. São verdadeiros monstros (...). Cada um deles é um rosário de torturas, sevícias, barbaridades daomeanas (...) ²².

A fala de Gustavo Barroso traz elementos que nos permitem pensar esses indivíduos dentro da perspectiva de uma das novas escolas de pensamento que se difundiu na época: a *Antropologia Criminal*, que se baseava na ideia de que certos indivíduos portavam características (físicas e mentais) que os predispõem ao crime. Essa disciplina tinha como principais expoentes os pensadores italianos Cesare Lombroso, Raffaele Garófalo e Enrico Ferri. Para alguns desses teóricos de tão evidentes e previsíveis, era possível traçar o perfil de um criminoso por seu “tipo físico”, como é o caso de Lombroso, que elaborou uma minuciosa tabela detalhando cada aspecto que possibilitava “identificar” o criminoso. Barroso não perdeu tempo em elencar e mobilizar todas as características físicas dos cangaceiros, que caberiam muito bem dentro da teoria lombrosiana.

Uma publicação encontrada n’A *Lucta* ²³ comenta sobre “um typo exquisito, de aspecto suspeito” de Viçosa, e lança a seguinte pergunta que abre o artigo: “Paranoico, degenerado ou delirante?” ²⁴ e segue a descrever o indivíduo

Pequenino, com idade de 45 a 50 anos, olhar desvairado, barba em desalinho, zigomas proeminentes, maxillas anormaes, orelhas em azas, com o respectivo tubérculo de Darwin, cabellos desgrenhados, riso alvar, pernas e braços longos em corpo curto, mãos tremulas de alcoolatra, gestos violentos e desabridos, formando todo um conjunto que Lombroso se envaideceria de ter entre os seus observadores ²⁵.

²² BARROSO, G. *Terra de Sol*. 8 ed. Apresentação de Braga Montenegro. Rio-São Paulo, Fortaleza: ABC Editora, 2006, p. 85-86.

²³ O jornal *A Lucta*, de Sobral, se diz “independente” e “apartidário” em seus primeiros números, porém mais tarde seu fundador, Deolindo Barreto, se mostraria simpatizante das propostas do Partido Republicano Democrático (PRD), “que se consolidaria como o grande rival do tradicional Partido Republicano Conservador (PRC) ao longo de toda a Primeira República”. Ver AMARAL, E. L. G. *Retóricas do atraso e da crise. Ceará (1916 -1930)*. 2018. 428f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018, p. 60. Deolindo desagradava vários grupos de relevo na sociedade da época, marcada por setores reacionários, proprietários de terra. Por conta do tensionamento da política local, Barreto foi assassinado com vários tiros em maio de 1924, na comarca municipal. Agonizante, morreu três dias depois.

²⁴ (A LUCTA, 21/02/1920, p. 01)

²⁵ (A LUCTA, 21/02/1920, p. 01)

A matéria elenca tal perfil anatômico do indivíduo conhecido na cidade por nome de Constantino Corrêa, para depois sair em defesa do mesmo, afirmando que a população está diante de uma pessoa que sofre de problemas mentais.

É importante dizer que nem todos concordavam com todos os aspectos da teoria apresentada pelo criminalista italiano. O próprio jornal era um veículo que trazia embates e contradições, tendo em vista que espaços abertos às publicações daqueles que podiam pagar por suas colunas poderiam ser usados para apontar outras possibilidades de leituras. No ano seguinte, por exemplo, *A Lucta* trouxe um artigo do professor Claudio Regis Nogueira intitulado de *A criminalidade e suas causas*, no qual o mesmo critica a teoria de Lombroso e aponta outras saídas diante dos problemas levantados pelo estudioso italiano. Todavia, nos interessa pensar, mais uma vez, como essas teorias estavam presentes povoando o imaginário de uma época.

No jornal *A Razão*, por exemplo, ainda pode-se verificar em 1929 a sua permanência em uma matéria que critica a cobrança excessiva de impostos. Nela podemos ler que “Participante do atavismo ambicioso, capaz de maiores crimes, de que nos fala Lombroso, o Cariry em peso está na imminencia de abandonar as suas propriedades rurais, tamanha a cobiça do fisco cearense”²⁶. Nesse caso, inverteu-se a ordem e o indivíduo escolhido como portador das características criminosas descritas pelo pensador italiano é um funcionário do Estado. Isto mostra que há também outros usos nos discursos sobre essas teorias, para ficarmos em apenas dois exemplos.

A imprensa do Ceará também vai relacionar a pratica criminal às teorias de Lombroso e constantemente fazer menção ao “tipo físico” dos cangaceiros como determinante de suas ações. No ano de 1926, quando ocorreu o episódio da visita de Lampião e seus rapazes ao Juazeiro do Norte, o jornal *O Nordeste* narra a impressão daqueles que residiam na capital e foram “visitar” o “famoso bandoleiro”, informando “(...) ser ele um typo de baixa estatura magro e feio”²⁷, apesar de aparentar “muita amabilidade”. Leonardo Mota, em seu livro *No tempo de Lampião* (2002), tece uma descrição da “fera nordestina” pintando-o como sendo “amulatado e de estatura meã: magro e semicorcunda; barba e nuca ordinariamente

²⁶ (A RAZÃO, 09/06/1929, p. 03)

²⁷ (O NORDESTE, 09/03/1926, p. 01)

raspados (...); o olho direito, branco e cego, escondido pelos óculos pardacentos, de aros dourados”²⁸.

A *Ordem*²⁹ ainda faz menção ao termo no ano de 1933, quando publica matéria sobre “Lampeão – o chagal superanilaziado”, colocando o cangaceiro como uma “fera bípede” que continua zombando do governo Federal e é notícia na imprensa de todo o país diante das suas atrocidades, como os acontecimentos perpetrados “No estado de Sergipe, numa pequena fazenda do interior a fera humana deu mais uma nota trágica para a satisfação de seu instinto lombrosiano”³⁰.

Após sua morte, os jornais ainda falavam de sua aparência física. Aristéia, que se entregou após o massacre na fazenda Angicos, descrevera Lampeão como sendo “coxo, corcunda e cego de um olho”³¹. Na matéria do dia seguinte o sr. Artur Ramos, uma “autoridade em assuntos sociológicos” afirma que “o terror do Nordeste era um louco moral”³². Todavia, é possível perceber o espanto com que se narra as primeiras análises das cabeças por não conseguir encontrar em Lampeão as características que deveriam inseri-lo dentro das teorias vigentes que tentavam explicar a criminalidade.

Pensar que o meio geográfico na qual estavam inseridos os sujeitos que compunham as fileiras do cangaço era o fator determinante para sua explicação, ou ainda, que a mestiçagem era um fator degenerante e, portanto, o que os inclinava ao crime, acaba levando a discursão ao reducionismo. Todavia, pensarmos que havia em circulação um conjunto de ideias e, mais do que isso, um grupo de pessoas que as liam e as interpretavam, adaptando-as às suas realidades, pode nos levar a compreender como elas ficaram tão marcadas, assimiladas e estenderam-se ainda por meados da década de 1930. Dessa forma, tal modo de pensar acabava por se fazer presente, sendo muitas vezes reproduzidas pelas famílias sertanejas e também pelos próprios cangaceiros.

²⁸ MOTA, L. *No tempo de Lampeão*. 3^o. ed. Rio-São Paulo-Fortaleza: ABC Editora, 2002, p. 17.

²⁹ Principal rival do jornal *A Lucta*. o jornal *A Ordem* foi fundado em 1916, em Sobral. Sua fundação destinava-se a “(...) servir de órgão oficial ao Partido Republicano Conservador de Sobral. Sua publicação foi colocada a cargo do Dr. Plínio Pompeu (diretor), Craveiro Filho (gerente) e Newton Craveiro (redator) e mais um grupo de colaboradores. Circulou até inícios da década de 1940”, ver LIMA, J. L. F. ESPECTROS DE LUTADORES: história, memória e imprensa em Sobral/CE no início do século XX. *Outros Tempos*, Maranhão: v. 13, n. 21, 2016a p. 65-83. jan. 2016, p. 69.

³⁰ (A ORDEM, 18/11/1933, p. 01)

³¹ (O POVO, 02/08/1938, p. 01)

³² (O POVO, 03/08/1938, p. 01)

A perpetuação do fator anticivilizante: a crítica às instituições

Dentro de um projeto mais amplo, podemos destacar outros elementos que são colocados como os responsáveis pela perpetuação do cangaço no Nordeste e outras explicações também aparecem na imprensa apontando caminhos possíveis para sua extinção. Aqui destacamos a figura criticada e eleita como uma das responsáveis pela manutenção do cangaceirismo na região: o coronel. É interessante pensar como Luiz Vianna, na entrevista publicada em *A Imprensa*, percebe esse sujeito na sociedade sertaneja. Há “duas individualidades”, diz ele na supracitada entrevista, e elas:

offerecem mão forte ao banditismo ou cangaceirismo. Uma está no littoral, consciente de seus deveres para com a sociedade e para com o semelhante: é o chefe político que habita a capital; a outra está no sertão, é o chefe do interior, inculto, cioso de mando, absorvente: é o coronel³³.

Apesar de concentrar a crítica nessas duas “individualidades” e de apontar para a perpetuação do banditismo pela imbricada relação entre cangaceiros e os políticos da região, ele também coloca os dois sujeitos em “níveis diferentes” tal qual o faz com cangaceiros e jagunços, pois ao especificar que o “chefe do litoral” é uma figura “consciente” de seu lugar e de seu dever diante na sociedade, este está na posição de entidade mantenedora que deveria garantir o bom funcionamento da máquina pública, e não estar de conluio com aqueles que deveria exterminar. Assim, a forma como o referido autor descreve essas duas figuras, colocou o coronel em situação de inferioridade.

Evidente que o texto não explicita diretamente que o chefe que se encontra na capital seja o oposto ou superior ao chefe que vive no sertão. Todavia, ele pode nos apontar para essa leitura, uma vez que faz questão de elencar uma sequência de adjetivos ao mencionar o coronel: esse indivíduo encontra-se no interior, é inculto, necessita mandar e, se pensamos nos sentidos figurados que a palavra “absorvente” pode assumir, uma delas é referente ao indivíduo que quer monopolizar, quer dominar e deter, nesse caso, o poder. Sendo assim, “ver-se como o saneamento moral de nossos sertões exige medidas complexas; medidas que deveriam assentar base em reforma radica que annullasse completamente a acção

³³ (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02)

do ‘coronel’ no ponto de vista político-administrativo”³⁴. Dessa maneira, a crítica ao atraso que o coronel representava estaria de fato ligada aos ideais de civilização e progresso que tanto eram almejados por alguns grupos, ou seria mais uma evidência de um olhar de desprezo ou medo para o sertão e seus habitantes? As tentativas de terminar com o poder, às vezes quase imensurável, das oligarquias existia de fato e interessava ao projeto nacional em curso, mas não deixava de apontar para uma visão enviesada, preconceituosa e receosa para o interior e sua população, com medo da revolta do pobre e de perder o controle frente aos coronéis.

O controle da população é um mecanismo importante para a manutenção da ordem e para conseguir estabelecer os vínculos necessários para a manutenção do sistema de poder que se queria hegemônico. Nesse caso, o governo deveria empenhar suas forças em prol do bem-estar de seu povo. Aqui cabe destaque os ideais de justiça que eram mobilizados pela imprensa: lembremos da entrevista de Luiz Vianna colocando a impunidade e a injustiça como casos que faziam perpetuar o banditismo no sertão. Nessa mesma matéria podemos ler que “A biographia de quasi todos os grandes cangaceiros está ligada a um caso de impunidade; está liga a um caso de injustiça”³⁵.

A crítica ao fracasso das instituições legais no combate ao cangaço não deixa de ser notada, porém, a apreciação tecida ao “chefe da capital”, apesar de menos detida, insere-se dentro do ideal de justiça burguês, esquecendo-se dos códigos morais sertanejos vigentes. Quando ela aparece, em meados do século XIX, nasce também inclinada para o viver pelas armas, com uma diferença: a serviço principalmente dos grandes fazendeiros, de forma que a “justiça não passava da mãe do grande proprietário. Ninguém confia nela”³⁶. Evidencia-se, pois, em seu nascedouro, uma justiça com empenho em preservar a propriedade e os interesses dos grandes senhores de terra, deixando a maioria populacional desassistida. O pobre que tentava resolver seus problemas com o auxílio da lei não conseguia respostas rápidas e eficientes, dessa maneira, acabava por recorrer ao emprego das armas e ao uso da vingança.

Desse modo, veremos os cangaceiros recorrerem constantemente ao imperativo da vingança, que funcionava como um “escudo ético” para justificar a permanência na vida

³⁴ (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02)

³⁵ (A IMPRENSA, 08/09/1926, p. 02)

³⁶ MONTENEGRO, A. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973, p. 191.

cangaceira, conforme aponta Frederico Pernambucano de Mello³⁷. É bem verdade que houve casos em que os excessos da força policial acabaram contribuindo para a entrada de alguns indivíduos no cangaço. Para ficarmos em apenas dois exemplos, citamos Antônio Ignácio da Silva, o cangaceiro Moreno, que afirmou ter ingressado nas fileiras do cangaço depois de ser acusado injustamente de um roubo e ter levado uma corça da polícia³⁸. O próprio Virgulino Ferreira, o Lampião, afirma que estava no cangaço para vingar a morte dos pais. Todavia, não se pode reduzir a apenas essa motivação, haja vista que muitos outros sertanejos sofreram abusos e nem por isso se tornaram cangaceiros.

O forte apelo ao Estado e aos seus representantes não cessava e, por vezes, dependendo do veículo e do seu colaborador na escrita do artigo, era ligada também à moral cristã católica. A exemplo, destacamos Xavier de Oliveira³⁹, médico, sociólogo, político e escritor, dedicou-se “ao estudo dos problemas brasileiros, penetrando, particularmente, o sentido do banditismo do Nordeste”⁴⁰, registrando suas análises em livros como o seu *Beatos e Cangaceiros* (1920)⁴¹. Além disso, Xavier também foi colaborador do jornal *O Nordeste*⁴². No supracitado periódico encontramos uma entrevista sua na qual o autor comenta alguns dos caminhos a serem seguidos para se extinguir o banditismo.

Para Xavier de Oliveira, o sertão só iria alcançar a civilização quando o cangaço deixasse de existir. Para tal, o renomado autor elencava dois elementos, são eles: “a cruz e a espada, símbolos das duas forças que governam o mundo: – a fé e a lei”⁴³. Na entrevista, ele narra que vem “combatendo em prol da idéia da localização de batalhões nos sertões do Nordeste”, pensamento que ele expõe na conclusão de seu já mencionado livro. Seguiu com essa campanha e publicou alguns artigos no *Jornal do Brasil* intitulados de “Exercito e o

³⁷ MELLO, F. P. de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2011.

³⁸ Ver o filme *Os Últimos Cangaceiros* (2011), dirigido por Wolney Oliveira. O filme conta com depoimentos de Moreno e Durvinha sobre o seu tempo de cangaceiros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EzK-RcnkGg8>>

³⁹ Xavier de Oliveira é cearense natural de Juazeiro do Norte e nasceu no dia 8 de outubro do ano de 1892. Dedicou-se aos estudos de problemas nacionais, em especial o banditismo. Morreu no Rio de Janeiro, em 6 de fevereiro de 1953. Para mais detalhes, ver *site* da Academia Cearense de Letras (ACL). Disponível em: <<http://www.academiacearensedeletas.org.br/publicacoes.php>>.

⁴⁰ *Idem*, p. 192.

⁴¹ OLIVEIRA, X. de. *Beatos e cangaceiros: História real, observação pessoal sobre e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro, 1920.

⁴² Fundado em 1922 por Dom Manoel da Silva Gomes (1874-1950), o jornal era ligado a arquidiocese e defendia os interesses da Igreja Católica no Ceará.

⁴³ (O NORDESTE, 03/09/1927, p. 01)

sertão”, e foi duramente criticado. Todavia, permaneceu com esse pensamento e ainda sugeriu que os batalhões ficassem “localizados de preferência na sede dos bispados”⁴⁴.

Os cangaceiros são várias vezes adjetivados como bestiais e animaiscos, descritos como “feras humanas” ou “bestas bípedes” muitas vezes associados aos animais ferozes e de ações demoníacas. O apelo à religião católica – ou melhor, à falta dela, nesse caso –, também será evocado vez ou outra para explicar o cangaceirismo. Os grupos de cangaceiros eram “feras sem almas” e sem “Deus no coração”, por isso eram capazes de tantas atrocidades. Todavia, é interessante perceber que essas falas também fazem parte do jogo político e eram uma arma para tentar chamar a atenção para a amplitude do fenômeno, uma vez que, conforme nos diz Capelato (1988), os profissionais da imprensa são, antes de tudo, “polemistas” e sabem muito bem criar e tirar proveito da melhor maneira possível das ideias e temas que têm em mãos⁴⁵.

É preciso ter em mente ainda que esse aspecto merece um certo cuidado, pois apesar das violências cometidas, os cangaceiros eram homens e, mais tarde mulheres, que viviam dentro de uma sociedade sertaneja com costumes e crenças típicas de seu período. Mesmo diante das barbaridades cometidas havia espaço para a oração matinal, a reza antes do almoço e a devoção aos santos e santas, além do respeito e admiração aos padres.

Quando da estadia de Lampião e seus rapazes em Juazeiro do Norte, Aglae de Lima Oliveira (1970) narra que “os cabras visitaram a igreja. Lampião e os cabras foram rezar. Fizeram orações na igreja matriz, no altar de Nossa Senhora das Dores (...). Os bancos da igreja ficaram superlotados de bandidos, em atitude humildes e silenciosos”⁴⁶. Há outros momentos em que o lado religioso de Lampião é comentado, entrando na igreja com chapéu nas mãos, cabeça baixa em reverência, generosas ofertas feitas ao altar. Um homem e suas contradições.

Outros caminhos para a extinção do cangaço

⁴⁴ (O NORDESTE, 03/09/1927, p. 01)

⁴⁵ CAPELATO, M. H. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

⁴⁶ OLIVEIRA, A. L. de. *Lampião, cangaço e Nordeste*. 2. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970, *apud* TAVARES, E. R. *Cangaceiros e devotos: religiosidade no movimento do cangaço (Nordeste brasileiro - 1900-1940)*. 2013. 100f. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013, p. 58

Há, todavia, ainda outras explicações que procuram dar conta do cangaço. E os jornais como *O Ceará* e *A Esquerda*⁴⁷, vão enfatizar que o problema está na péssima administração na qual estava imerso o Estado. Ela é responsável pela ineficácia do combate ao banditismo no interior, pois enquanto ele não acaba com “profissionais do crime”, por medo de acabar angariando inimizades de “seus aliados na politicagem”, vê-se repetir “Ao anoitecer, nos sertões, as esposas e as virgens pediam a Deus que as livrasse da sanha bestial dos bandidos, ao amanhecer, davam graças ao Criador por terem acordadas puras e vivas. E tudo isso por exclusiva culpa do Estado”⁴⁸.

Logo no dia 27 de janeiro de 1928, ou seja, na terceira edição do jornal *A Esquerda*, nos deparamos com um artigo escrito por Elias Malmann⁴⁹, dedicado a comentar sobre “O problema do cangaço”, como sugere o título do seu escrito. “O fenômeno do cangaceirismo”, escreve Elias, aparece como “o mais grave problema social a se resolver na região nordestina”⁵⁰. Entretanto, mesmo que venha sendo amplamente estudado e debatido por várias mentes, estão deixando de lado um aspecto extremamente importante: “o primordial, o essencial, o fator superior esta apenas deste lado: – o terreno econômico”.

Notemos que nesse momento o fenômeno é tratado pelo autor como um problema social e de questão econômica, “alterada e agravada pela noção apoucada de um povo entregue ao analfabetismo e tolerada negligentemente, se não explorada, pelos políticos”. Entretanto é aqui que começam as visões deterministas do autor no artigo, tendo em vista que ele elenca algumas diferenças entre o sertanejo de pouca posse, iletrado e os de melhores condições financeiras, quando vai demonstrar a sua tese. A pouca ilustração, segundo o autor, é “o requisito fundamental para a acumulação de grandes fortunas”, como se percebe no caso

⁴⁷ No dia 25 de janeiro de 1928, o jornal *A Esquerda* começa a circular em Fortaleza. No mesmo ano o jornal é fechado, só voltando a ser impresso na década de 1930. Jáder de Carvalho, editor e proprietário dessa folha, atuou como jornalista, romancista, poeta e também sociólogo, advogado, professor e historiador. *A Esquerda* é fruto de seus ideários comunistas, apesar de considerar-se “um marxista dissidente, pois não aceitava a orientação do Partido Comunista que tinha atitudes bastante ortodoxas”. Ver ANDRADE, A. M. T. *Deslocamento e denúncia no romance Sua Majestade, o Juiz, de Jáder de Carvalho*. 2012. 191f. – Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2012, p. 15.

⁴⁸ (O CEARÁ, 06/01/1928, p. 01)

⁴⁹ Elias Malmann nasceu na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul, em 2 de março de 1902. Muito jovem ele e seus pais, Eduardo Malmann e Alzira Malmann, mudaram para o Ceará. Integrou o movimento do Grêmio Literário Paula Ney, onde redatoriu o jornal *O Regional*. A atividade jornalística foi aquela que ele se dedicou com mais afinco até o fim da vida. Faleceu em 1958, no Rio de Janeiro. Na Academia Cearense de Letras, Elias ocupou a cadeira de número 23.

⁵⁰ (A ESQUERDA, 27/01/1928, p. 01)

dos “milhardarios”, não se vendo empregado “entre o manejo de seus milhões, aos lazeres de literatear para a multidão”⁵¹. Os mais *ricos* e letrados, segundo o artigo, não se dão com os poucos letrados e isso é “naturalissimo”. Escreve:

O espírito letrado, sempre sofre a influencia de idealismos, começa a nutrir ambições, o que não se dá com o pouco letrado, que nunca esquece o meio em que actua, nem tampouco a si mesmo e a necessidade de prosperar para descansar – numa palavra, sendo um homem mais animal é, em verdade o homem prático. (...) Possuídos de pouca instrucção, são creaturas cuja peoccupação é viver pelo melhor modo possível, e o seu ideal cinge-se a ganhar o mais que for possível para o conforto próprio. A sua vida é a satisfação do instincto, uma exigência quasi por assim dizer a de irracional⁵².

Portanto, seguindo a lógica do artigo, é justamente aí que mora o perigo. O sertanejo sente-se atraído pela vida no cangaço e as “regalias” que o banditismo pode oferecer. As linhas seguem argumentando e reforçando essa visão:

Dahi a força de seducção que o cangaço exerce sobre a mentalidade do matuto, que sujeito a um trabalho impiedoso no campo ou outras occupaões parcas, não é recompensado pelo salário pequenino corrente. Enquanto isso, vê nas horas de todo o dia o exemplo de conhecidos cuja esposa veste vistosos costumes de chita, que a sua não pode usar, viverem confortavelmente e considerados e terem sempre dinheiro no bolso, tudo porque dizem que andam no cangaço, são capangas de seu coronel fulano de tal, chefe político e fazendeiro. E nada disso ele pode usufrutar! Dahi para não repugnar em seguir o exemplo, nada custa. A transição do matuto trabalhador, empobrecido e faminto, explorado muita vez, em cangaceiro considerado cheio de conforto e feliz é o facto mais natural e facil de operar-se. (...) O cangaceirismo fica, assim, reduzido a uma simples questão de trabalho mal recompensado, quando não a falta de serviços, e é por ahi que os poderes publicos devem de encaminhar⁵³.

É evidente que a vida nômade no cangaço despertava algum interesse em muitos jovens da época. A vida bandoleira do cangaço lampiônico, ou o cangaço meio de vida, da qual nos fala Pernambucano de Mello (2011), alardeada, em grande parte pelos jornalistas e cordelistas, ajudou a criar um mito em torno do “ser cangaceiro” nesse período⁵⁴. Ademais, se

⁵¹ (A ESQUERDA, 27/01/1928, p. 01)

⁵² (A ESQUERDA, 27/01/1928, p. 01)

⁵³ (A ESQUERDA, 27/01/1928, p. 01)

⁵⁴ MELLO, F. P. de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2011.

faz mister lembrar que os elementos citados no jornal *A Esquerda* – o poder político local entrelaçado ao econômico, a estrutura jurídica e policial, além do “ambiente fundiário claramente distorcido e desequilibrado”⁵⁵ –, certamente contribuiu para a formação, tanto social quanto psicológica dos grupos de cangaceiros do Nordeste brasileiro. O problema é reduzir as motivações de ingresso de indivíduos no cangaço apenas por conta de problemas econômicos, como já demonstramos anteriormente.

Analisemos dois editoriais ainda do mesmo jornal, onde veremos o que seu diretor considera como causa primordial para acabar com o cangaceirismo no Ceará e no Nordeste, em geral. O primeiro é de 25 de abril de 1928 e faz uma retrospectiva dos elementos que levam ao banditismo, como o mandonismo, a ausência de autoridade, a “índole belicosa das gentes do sertão”, enfatizando o meio no qual vive o povo do interior demasiadamente próximo do analfabetismo. Ao comentar sobre a situação no Ceará, é enfático ao dizer que “entre nós, o cangaceiro aparece já como uma instituição” desde os tempos do Império. De modo geral, “porem, o cangaceirismo provem da situação excepcional em que nos encontramos para creal-o e atrahil-lo. O valle do Cariry, onde mais intensa e dramática exsurge a história dos inadaptados a vida social, constitue um ‘habitat’ magnifico”⁵⁶. Um oásis perdido na semiaridez do Nordeste, onde os “celerados” encontram ali o apoio e a proteção que necessitam, diz o editorial.

Mais uma vez, o meio aparece como fator determinante para perpetuação do banditismo, porém há uma saída, aponta o texto: a extinção do analfabetismo. É só através da educação do povo que o governo conseguiria pôr fim aos bandoleiros que assolavam o Nordeste brasileiro, tarefa que se daria lenta e progressivamente. Todavia, apresentar como saída a educação não deixa de ser um ponto interessante, de forma que nessa matéria, o analfabetismo não é uma questão secundária, mais a principal etapa para a moralização do sertão. O problema é a redução da entrada no cangaço e o próprio fenômeno a apenas um fator, bem ainda assim, o olhar suspeito diante das classes menos favorecidas.

O segundo editorial também chama a atenção para o problema da falta de investimento em educação. Publicado dois meses depois, em 25 de junho do mesmo ano com o título “O Governo e o Banditismo”, ataca o governo do então presidente do Ceará, Matos Peixoto, informando que não se extinguirá o cangaceirismo, essa “anormalidade social” se o

⁵⁵ PERICÁS, L. B. *Os Cangaceiros*: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010., p. 29.

⁵⁶ (A ESQUERDA, 25/04/1928, p. 01)

presidente continuar insistindo nas “medidas até hoje postas em prática”, pois a única medida que se tem tomado limita-se “á caça aos bandoleiros nômades, gente de vida aventureira, que faz tremer o solo sertanejo ao tropel de suas cavalgadas ruidosas”⁵⁷.

Tal ação é ineficiente porque, segundo o texto, a mentalidade do soldado, “é irmã da mentalidade do cangaceiro”, pois ambos nasceram e viveram sob o mesmo sol, do mesmo meio e tempo. Nada de se espantar se essa relação por vezes é posta à prova, informa o texto. Todavia, o coronel é um elemento que precisa ser expurgado para se extinguir o cangaço, comungando com os escritos d’*A Imprensa* de 1926. É preciso acabar com os grandes potentados, desarmar o sertão, educar a população e, assim, apresenta-la aos “primeiros rudimentos de moral e civismo”, apresentando ao povo, como mostra o mestre-escola, “a noção nitida do papel do homem no meio coletivo”. Isso, todavia, informa o editorial, não será obra de um ano, nem será em quatro anos que se conseguirá alcançar êxito: “Para a extinção do cancro, tornam-se imprescindíveis dois fatores poderosíssimos: tempo e tempo”⁵⁸.

Chama-nos atenção os recursos usados na construção da narrativa. Jáder de Carvalho foi um escritor já bastante conhecido e um dos percussores do modernismo cearense, amante e escritor de poesias, transportava todo o seu talento para o texto jornalístico. O apelo aos recursos estilísticos na tentativa de cativar seu público leitor, tornava sua crítica social mais pungente e sedutora. O professor Jader de Carvalho, sujeito das letras, apelava sempre para o campo que lhe parecia o caminho certo a se trilhar para livrar o sertão do cangaço, ou seja, por meio de uma educação de qualidade para o povo. Porém, é preciso notar ainda a metáfora do corpo presente no texto: era preciso livrar o “cancro” que acomete o tecido social.

Na década de 1930, os apelos à extinção do cangaceirismo ainda são sentidos. No ano da grande seca de 1932, o jornal *A Nação* traz matéria intitulada “Ainda e sempre Lampeão”, o que indica que o cangaceiro continua na ordem dos dias e que “Grade de Cadeia não se fez para ele...”. Ao continuarmos a leitura veremos que as causas atribuídas ao cangaço eram frutos da “Pátria Velha” e à “incúria e desídia dos governos” desse período. Porém, veio a “revolução” e o que ela trouxe? “Virgolino continua a cometer crimes inauditos (...) isso é a prova que não era tão fácil, como alguém ingenuamente julgava, destronar o sinistro monarca

⁵⁷ (A ESQUERDA, 25/06/1928, p. 01)

⁵⁸ (A ESQUERDA, 25/06/1928, p. 01)

do cangaço”⁵⁹. Pode-se perceber abertamente uma crítica ao “Brasil Novo”⁶⁰, que prometeu mudanças significativas e nada de tão novo apresentou. Passou 1930, chegou o fim do ano de 1931 e nada da “prisão ou extermínio do famoso sicário” que seria o presente de Natal do governo “a gente sofredora sertaneja...”. O cangaceiro continuava solto e cada vez mais cruel, aponta a matéria.

No jornal *A Ordem*, na edição de 18 de setembro de 1933 podemos ler que “Lampeão é a vergonha de uma civilização”. Há nessa matéria a simplificação e a redução do fenômeno ao analfabetismo, conforme falamos anteriormente. Sem arroteio, tomando emprestados os adjetivos mais pejorativos de que se fazia uso para descrever o cangaceiro, a matéria informa que era imprescindível que se iniciasse “(...) combate sem tréguas a essa fera bípede, essa vítima da estupidez dos que não sabem lêr, tornando-se, conseqüentemente, um animalizado pelos instintos baixos da alma humana, que a incultura e o analfabetismo, o levaram. Urge pôr termo a semelhante vergonha”⁶¹.

Essas palavras tomam forma dentro da ideia que se tinha em torno da cultura no momento, isto é, vendo-a como uma forma superior, ligada às letras, à erudição, e não como algo comum a todos os povos, conforme descrito por Raymond Williams⁶². Por isso, a maneira mais eficaz de pôr fim ao banditismo no sertão era através de seu aformoseamento, modernizando-o, abrindo estradas que facilitassem o transporte de pessoas e ideias, ampliando seu universo cultural. Todavia, um universo dentro das propostas e saberes que se queria hegemônicos.

Em 1938, com a morte de Lampião, de Maria Bonita e de alguns companheiros, o professor Lourenço Filho, autor de um livro sobre o sertão nordestino e seu ambiente, diz que se perpetuarem as mesmas causas no sertão, o cangaço persistirá (O POVO, 1938). Para ele, sem escola e sem justiça, não haverá mudança: “As causas do cangaço são a falta de organização do trabalho, do encaminhamento profissional, da educação para o trabalho” (O POVO, 02/08/1938, p. 01). Esses aspectos complementam o conjunto de críticas tecidas ao governo local e, em geral, ao sistema republicano, como observamos anteriormente.

⁵⁹ (A NAÇÃO, 05/02/1932, p. 07)

⁶⁰ Expressão que foi utilizada por muitos jornais da época para se referir ao regime instaurado pela “Revolução” de 1930. Outra expressão que aparece nas folhas cearense para designar o novo regime é “Pátria Nova”

⁶¹ (A ORDEM, 18/11/1933, p. 01)

⁶² WILLIAMS, R. *Recursos da esperança: Cultura, democracia, socialismo*. Trad. Nair Fonseca, João Alexandre Peschanski. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

Considerações finais

As notícias de que lançamos mão apontam como explicações e soluções projetadas pela imprensa cearense foram elaboradas dentro de seu contexto de produção e reprodução: a sociedade cearense da República Velha, cunhadas por uma elite letrada minoritária, cidadina e, em sua maioria, com ideais republicanos. Desse modo, são significados elaborados e mobilizados através da palavra escrita que apontam para uma determinada ideia de cultura, alicerçada no desejo de progresso e civilização. Este trabalho nos ajuda a pensar a relação entre a historiografia nacional e a História Regional, pois ao analisarmos os jornais do Ceará dos anos 1920 e 1930, percebemos a circulação das temáticas científicas e de constituição da nação (já difundidas nacionalmente) ancoradas em problemas locais, nesse caso, o cangaço.

A morte de Lampião simbolizou uma grande vitória para o governo nacional, pois acabou pondo abaixo um verdadeiro “império” construído pelo cangaceiro e seus subgrupos. Mesmo que Corisco tenha continuado assombrando o sertão por mais dois anos, as manobras do Estado Novo conseguiram articular uma reviravolta, até certo ponto, diante do que seria o “maior problema nacional”, haja vista que um país que se pretendia cartão postal, não condizia com uma “leva de facínoras” grassando o sertão. Assim, a articulação do Estado com os intelectuais e homens de imprensa também foi a jogada final para elaborar um novo discurso sobre o cangaço, desta vez pautado no silenciamento de seus feitos, alardeando sobre seu fim e colocando-os no rol de bandidos comuns.

Erick Araújo (2007) nos fala de como ficou a cidade de Fortaleza no final de 1930, quando em novembro do ano de 1939 é realizada uma avaliação dos últimos cinco anos de administração cearense. Essa estimativa feita pelo Departamento de Cultura, Divulgação e Propaganda (DCDP) mostra-se otimista com os resultados e “realizações do Governo do Estado”, entre elas “(...) destacava-se o saneamento dos sertões, com o fim do ‘banditismo sistemático’ (o cangaço), salvo alguns casos esporádicos tidos como inevitáveis até em meios cultos e mais policiados do mundo”⁶³. O fim do cangaço em meio às construções de prédios públicos, os avanços na agricultura e no ensino público, coadunam com a ideia de progresso e

⁶³ ARAÚJO, E. A. de. *Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza*. Fortaleza: INESP, 2007, p. 76.

modernidade que se pensava para o país. Fortaleza, nesse sentido, “civilizou-se e aformoseou-se à altura das cidades modernas”, dizem as palavras da avaliação.

Jornais consultados

A Esquerda (1928)

O Povo (1938)

A Ordem (1933)

A Nação (1932)

A Imprensa (1926)

O Ceará (1928)

O Nordeste (1926, 1927)

A Razão (1929)

A Lucta (1920)